

Além do papel: novas formas de ler e fazer literatura começam a ganhar força



Uns não abrem mão do papel. outros são entusiastas dos e-books. Enquanto alguns adoram ler no PlayStation Portátil (PSP), outros preferem o seu Palm TX.

Há ainda quem apaixonou-se pelo Kindle, quem gosta de “ouvir” um bom livro em seu iPod e até no celular (o iPhone, por exemplo, possui um aplicativo para esse fim), sem contar os audiobooks e sites que complementam a experiência do leitor do livro de papel.

Todos entretanto têm algo em comum: o amor pela literatura, mas cada um a consome por meio de uma tecnologia diferente.

A mais antiga delas, o livro de papel, não dá sinais de esgotamento. Mas, aos poucos, novas formas de ler e fazer literatura começam a ganhar força. Apontada como incômoda por muitas pessoas, a leitura de livros em equipamentos eletrônicos não pensados para esse fim já é uma realidade.

Laurentino Gomes, autor de *1808*, acredita que “não é mais possível nos comunicarmos por uma única mídia, precisamos ser multimídia” e, um bom exemplo, é o site do livro *Vale Tudo* (www.objetiva.com.br/valetudo), sobre Tim Maia, do escritor e produtor musical Nelson Motta. Lá é possível ouvir, nas versões originais, todas as músicas citadas na biografia, vídeos e um álbum de fotos do cantor desde bebê. Tem também uma seção, *Tim e Eu*, onde as pessoas contam as suas experiências com o cantor. “O site dá vida e brilho ao trabalho”, diz Motta. “Com ele o livro se torna muito mais interessante, acaba sendo uma ‘obra aberta’, sem hora para terminar”, conclui.

Há ainda autores que interagem de forma inédita com o seu público como, por exemplo, Paulo Coelho. Ele afirma passar diariamente cerca de três horas on-line interagindo com os seus leitores, que chegam a lhe enviar mais de mil e-mails por dia.

Para o escritor Fernando Morais – autor de *Olga, Chatô - O Rei do Brasil* e *O Mago*, o último justamente uma biografia de Paulo Coelho – a principal vantagem da web é a interação com o público. “Antes o autor não tinha um feedback do leitor”, diz Morais (<http://www.fernandomorais.com.br>). “A Internet aproximou as pessoas.”

A editora inglesa Penguin, se uniu à empresa Six to Start, de games de realidade alternativa (ARG), para criar o projeto *We Tell Stories* (www.wetellstories.co.uk).

A iniciativa, apontada por muitos sites e blogs como inovadora, busca recontar seis clássicos da literatura, entre eles *As Mil e uma Noites*, usando recursos digitais e da Internet. O objetivo é ir além do formato tradicional do livro de papel.

Adaptado do artigo “Será que o futuro do livro é multimídia?”, publicado no jornal O Estado de São Paulo, em 11 de agosto de 2008.



Você está interessado em saber mais sobre a interação entre tecnologia e literatura?

O Gabinete de Literatura mesclou links citados na matéria publicada pelo jornal O Estado de São Paulo com outros links que escolhemos e assim, preparamos para vocês, uma seleção especial sobre o assunto. Boa leitura!

Clique aqui e saiba como é um livro em formato eletrônico.

Livros falados: você gosta ou odeia! O Brasil ainda engatinha no assunto mas saiba como os funcionários do Vera reagiram a essa novidade e conheça tanto os títulos que possuímos como os que estamos adquirindo.

Você quer conhecer projetos que usam ferramentas da WEB, como o Google Maps, para contar histórias? Clique aqui!

Segundo pesquisa 7% dos leitores já baixam livros na WEB. Clique aqui se quiser conhecer a opinião de autores famosos. Eles concordam? Divergem?

O livro de papel terá futuro? Será a literatura a arte da palavra ou do papel? Clique aqui para ler o artigo de Maria Alice Vila Fabião que aborda as novas formas de ler e escrever.

A expansão do livro eletrônico e o crescimento do número de exemplares disponíveis estão baseados, em boa parte, na iniciativa voluntária de pessoas que digitalizam materiais, cedem direitos autorais ou traduzem obras e também no 'troca-troca' de arquivos promovido por blogs e fóruns de discussão on-line. Leia, clicando aqui, as opiniões de Denise Tsunoda, coordenadora do curso de Gestão da Informação da UFPR, publicadas no Jornal Comunicação, em reportagem de Thais Schneider.



O eBook é um livro com capítulo, sumário, índice, fotos e orelhas no formato eletrônico. Sua leitura é feita por meio de computadores, Pocket PCs, handhelds e eBooks devices - aparelho portátil com dimensões de um livro, comercializado somente na Europa, Estados Unidos e Japão.

Os programas para a leitura de livros eletrônicos são chamados de Readers. Oferecidos gratuitamente, são disponibilizados com versões para as seguintes plataformas de sistemas operacionais: Windows, Linux, Palm OS, Windows CE, Mac OS (abaixo comentamos sobre os principais softwares e suas características). Já os arquivos de eBook não seguem um padrão definido - como o MP3 para seus 'tocadores' - e possuem diversas variações. Os arquivos são pequenos, no PC a média é de 100 Kb, enquanto para o Palm são somente 3 Kb.



Essa capacidade de poder ler o livro digital em qualquer dispositivo é o grande atrativo do eBook. Tomemos como exemplo o handheld - potencialmente um aparelho com recursos de planilha eletrônica e editor de texto e na maioria das vezes usado como agenda; também pode ter na sua memória um romance de José de Alencar. Outros atrativos são encontrados nos softwares eBooks, como o localizador de palavras, que procura a referência desejada fazendo uma rápida busca por todo conteúdo do livro, ou a ferramenta que amplia ou reduz o tamanho das letras do texto, utilidade que beneficia a quem tem dificuldade de leitura das pequenas fontes encontradas nas obras.

“Não é possível comparar o livro impresso com o digital. Apesar de serem a mesma coisa, ambos atingem públicos distintos. Atualmente, os leitores de eBooks são internautas, universitários e pessoas que têm computadores e certa familiaridade com a tecnologia. Minha previsão é que gerações futuras se adaptem ao cotidiano e aposentem o livro” comenta Edinei Santos, profissional de tecnologia do portal <http://www.ieditora.com.br/> e do site especializado em eBooks <http://www.ebookcult.com.br/>.

Na Web existem sites que são verdadeiras bibliotecas on-line, disponibilizando milhares de obras de diversos autores e gêneros gratuitamente. Estes sites também funcionam como vitrine para novos autores que buscam reconhecimento. Sem custo algum, eles podem oferecer seus livros e testar a recepção dos leitores. O portal de comércio eletrônico >Amazon.com, tem uma seção que comercializa as obras digitais e eBook devices.

As obras digitais seguem as leis de direitos autorais vigentes no país, portanto um eBook só pode ser baixado gratuitamente se ele estiver em domínio público - característica obtida 70 anos após a morte do autor ou com a permissão prévia do mentor intelectual da obra literária.

Confira abaixo os softwares mais populares para eBooks:

Adobe Acrobat eBook Reader 2.2

Versão para eBook do Acrobat Reader que trabalha somente com arquivos PDF. O programa vem com recursos de segurança para comércio eletrônico de livros que protege os direitos autorais de uma obra, evitando pirataria.

Plataforma: Windows 98 Me/ NT / 2000/ XP / Mac OS

Tamanho: 10.3 Mb

Idioma: Inglês

Licença: Gratuito

Microsoft Reader

A empresa de Bill Gates não ficou de fora do mercado e lançou seu reader, gratuito e equipado com uma ferramenta que melhora a resolução das letras na tela. O MS Reader é dotado de tecnologia para segurança dos direitos autorais das obras digitais. Esta característica permitiu que ele se tornasse um dos softwares mais usados pelos sites de venda de eBooks como plataforma para seus livros.

Versão: Windows 9x / CE / Me / NT / XP / 2000

Tamanho: Win: 3,55 Mb / Win CE: 2,26 MB



Idioma: Inglês
Licença: Gratuito

MobiPocket

O MobiPocket é um software desenvolvido especialmente para eBooks. Tem versões para diversos sistemas, do Windows CE ao Palm, e aceita vários formatos de livros digitais.

Versão: Windows 98 / CE / Me/ NT / XP / 2000 / Palm /

Tamanho: Win: 3 Mb / Palm : 350 KB / Windows CE e PocketPC : 300 - 400 KB

Idioma: Inglês

Licença: Gratuito

Voltar



Quem não se lembra? Você, ainda criança, deitado na cama, esperando ansiosamente a história que lhe seria lida naquela noite. Pois é, esse hábito, restrito aos pequenos, tem tudo para chegar aos mais velhos, graças a uma forcinha da tecnologia.

É que, com a proliferação dos tocadores de MP3, como o iPod, algumas editoras nacionais se animaram e decidiram investir nos audiobooks, já tradicionais nos EUA, de olho no vasto mercado potencial.

No Brasil, ao menos um autor é grande fã do formato. Laurentino Gomes, de 1808, ouve audiobooks em seu iPod há mais de cinco anos. Ele assina um plano da Audible (<http://www.audible.com>), empresa americana que é a maior distribuidora de "livros para ouvir" no mundo, com mais de 80 mil opções. Pagando US\$ 20 por mês, ele tem direito a baixar dois livros.

Nos EUA, os audiobooks movimentaram quase US\$ 1 bilhão em 2006. O valor sem dúvida chama atenção, mas, em termos do mercado livreiro americano como um todo, que arrecadou pouco mais de US\$ 37 bilhões em 2007, é bem menos impressionante.

No começo de 2008 a Audible foi comprada pela Amazon e analistas apontaram, na época da compra, que a aquisição seria uma forma de tentar turbinar as vendas do Kindle, que além de ler e-books, também roda audiobooks. Dessa forma, eles esperam ampliar o número de downloads de audiobooks que em 2006 representavam apenas 14% do total do mercado.

Enquanto isso, o Brasil ainda engatinha no assunto. A editora Audiolivros (<http://www.audiolivro.com.br>), lançada em 2006, é pioneira no País. O Caçador de Pipas, O Monge e o Executivo e 1808, são alguns dos títulos oferecidos pela editora. Atualmente ela não trabalha com downloads de livros, mas promete para o final do ano o começo do serviço. "Estamos trabalhando para oferecer todos os títulos por um preço de R\$ 9,90", conta Marco Giroto, dono da editora.

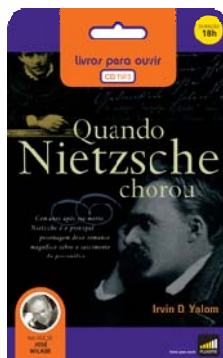


Já a Plugme (www.plugme.com.br) lançou uma lista de best-sellers, narrados pelos próprios autores ou por nomes famosos, como José Wilker e Paulo Betti. Entre os autores que narraram o próprio livro o destaque fica para Nelson Motta que, em alguns momentos, imita o cantor Tim Maia, personagem do seu livro, Vale Tudo. Ficou curioso? Ligue para 4003-7272, fale Vale Tudo, após ser perguntado pela atendente eletrônica e pronto: você ouvirá um trecho bastante divertido em que Motta imita Tim.

Já os autores se dividem quanto à novidade. "Parece-me uma coisa natural. Afinal as pessoas perdem com o tempo esse hábito de ouvir histórias, que eu acho muito legal", fala o escritor Paulo Lins. Já o escritor baiano João Ubaldo Ribeiro revelou opinião completamente divergente sobre o tema. "Acho um horror. Para mim é o leitor que dá cara ao livro. Essa é a grande graça da literatura".

Para Patrick Osinski, diretor-geral da Plugme, o formato não aceita meio termos. "Ou você gosta ou odeia."

O pessoal do Vera reagiu positivamente à novidade. Vejam nossos números:



O Gabinete de Leitura possui 15 audiolivros e desde que inserimos o nosso primeiro título, em 2008, já fizemos 120 empréstimos de publicações nesse formato. Esse número nos animou e ele poderia ser muito maior, visto que ainda temos inúmeros usuários interessados, mas que não retiram audiolivros pois não possuem em seus áudios o formato MP3.

Estamos adquirindo mais sete títulos e divulgamos, abaixo, tanto os títulos que já fazem parte da nossa coleção como os que estão em processo de compra.

Experimentem ouvir um livro!

Da nossa coleção:

1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil, de Laurentino Gomes. (MP3)

Alô, chics!: etiqueta contemporânea, de Gloria Kalil. (MP3)

Contos de agora, seleção de Moacyr Godoy Moreira.

Contos, de Anton P. Tchekhov.

Eça de Queirós por Paulo Autran: contos.

A hora da estrela, de Clarice Lispector.



Machado de Assis: contos.

Machado de Assis: poesias, crônicas e contos.

As memórias do livro: romance sobre o manuscrito de Sarajevo, de Geraldine Brooks. (MP3)

A morte e a morte de Quincas Berro D'Água, de Jorge Amado.

Pausa, de Moacyr Scliar.

Pensamento vivo de Rubem Alves em audiolivro, de Rubem Alves.

Quando Nietzsche chorou, de Irvin D. Yalom. (MP3)

Vale tudo: Tim Maia, de Nelson Motta. (MP3)

A vida como ela é... : crônicas selecionadas, de Nelson Rodrigues. (MP3)

Em processo de aquisição:

A moreninha

Amor de perdição

Dom Casmurro

Memórias de um sargento de milícias

O triste fim de Policarpo Quaresma

O cortiço

As pupilas do senhor reitor.

Voltar

Google maps



Blogueiros que se tornam autores. Escritores famosos, como João Ubaldo Ribeiro ou Mario Prata, que se aventuram pela web – ambos já escreveram livros pela rede. Ou até mesmo projetos



como o da 20ª edição da Bienal Internacional do Livro de São Paulo, o Livro para Todos, são apenas alguns exemplos que mostram como a Internet vem desempenhando um papel de destaque na revolução silenciosa que está criando novas formas de consumir e fazer literatura.

Porém, essas iniciativas acabam, em maior ou menor grau, sendo fiel ao modelo tradicional do livro de papel, que por sinal é o formato final desses trabalhos. Mas engana-se quem pensa que a literatura digital limita-se à criação ou reprodução de obras no formato papel.

Foi pensando em quebrar esse paradigma que a tradicional editora inglesa Penguin se uniu à empresa Six to Start, de games de realidade alternativa (ARG), para criar o We Tell Stories (www.wetellstories.co.uk). O projeto, que teve repercussão mundial, buscava recontar seis clássicos da literatura, entre eles As Mil e uma Noites, usando recursos digitais e da Internet, como o Twitter e o Flickr, além de permitir ao leitor definir o rumo da trama, como, por exemplo, em Fairy Tales (conto de fadas).

“Queríamos criar algo inédito que usasse o máximo das possibilidades da Internet e que não pudesse ser reproduzido no papel”, explica Jeremy Ettinghausen, editor de projetos digitais da editora.

A primeira história lançada, The 21 Steps (os 21 passos), por exemplo, é toda contada usando o Google Maps. Enquanto você acompanha a história de Rick, uma linha azul mostra os passos do personagem principal pelas ruas de Londres. “Escrever essa história, que foi pensada para ser lida on-line, foi um exercício fascinante”, conta o escritor escocês Charles Cumming, autor da adaptação de Os 39 Degraus, de John Buchan.

Ficou curioso? Vá até a página do projeto e descubra o por quê da última cena desse suspense on-line se passar no Rio de Janeiro. Todas as seis histórias – há uma sétima “escondida no site” envolvendo uma menina, chamada Alice, e um coelho – estão disponíveis gratuitamente, em inglês.

Para o jornalista e escritor Sergio Rodrigues, do blog Todo Prosa (<http://www.todoprosa.com.br>), o projeto “foi a iniciativa mais avançada na forma de misturar tantos recursos”. Rodrigues destaca entre as criações Your Place and Mine (o seu lugar e o meu). De autoria do casal Nicci Gerrard e Sean French, que trabalha em dupla e assina como Nicci French, o romance foi escrito ao vivo, durante cinco dias, uma hora por dia.

Em entrevista por e-mail, cinco dos autores do projeto disseram que iniciativas como o We Tell Stories não substituem a literatura tradicional e responderam à pergunta: o livro de papel vai morrer?

Entre as respostas: a mais pragmática foi a do inglês Toby Litt, de Slice (fatia). “O livro de papel sim. O livro, nunca.”

Voltar



O livro de papel vai acabar?



A pergunta parece meio velha, ou pelo menos um lugar-comum, mas, como começo de conversa, é meio inevitável. Já as respostas, embora tenham sido na maioria negativas, podem surpreender: “Se me contassem há dez anos tudo o que temos hoje, eu não acreditaria. É impossível prever o que o futuro nos reserva”, disse ao Link o escritor baiano João Ubaldo Ribeiro.

Já seu colega entre os imortais, o presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL), Cícero Sandroni, é bem mais cético em relação a eventuais novidades. “O livro de papel continua inabalável em sua força e difusão, em nada incomodado pelas novas tecnologias”, disse.

O escritor paquistanês Mohsin Hamid, que participou do projeto pioneiro de literatura na web We Tell Stories, também defende o formato tradicional: “Ele é uma tecnologia perfeita. Barato, durável, fácil de usar e não precisa de bateria.”

Mesmo o blogueiro Alessandro Martins, do site Livros e Afins (<http://www.alessandromartins.com.br>), entusiasta dos e-books (livros eletrônicos), reconhece que o papel segue imbatível: “Ainda me parece ser a melhor forma de transportar e consumir literatura.”

Um novo tipo de leitor?

Mas o escritor Paulo Lins, autor de Cidade de Deus, lembra que vivemos em uma sociedade onde os hábitos e costumes estão em constante transformação. “As crianças se adaptam muito bem à tela do computador. Não me surpreenderia se, em breve, elas lessem livros inteiros no monitor”, observa.

Isso sem falar na possibilidade de consumir e-books em PDAs, celulares, videogames portáteis e, mais do que isso, em dispositivos específicos.

Embora a maioria das editoras brasileiras mais importantes não ofereça e-books, eles já começam a ganhar espaço. Atualmente, no Brasil, 7% das pessoas que costumam ler livros baixam obras gratuitamente da Internet. O dado é da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, encomendada pelo Instituto Pró-Livro ao Ibope.

“Apesar de pequeno, esse percentual é surpreendente”, diz Galeno Amorin, diretor do Observatório do Livro e da Leitura e coordenador da pesquisa. “Está em formação um novo tipo de leitor”, analisa.

Leitores de gerações diferentes como Nelson Corrêa, de 49 anos, e Carlos Alberto Correa Filho, de 27 anos, concordam. “Costumo ler cerca de 15 livros por ano no Palm”, diz o primeiro.



“Gosto da praticidade de carregar mais de um livro comigo e poder variar a leitura entre eles”, conta o segundo.

Lançado em novembro de 2004, o portal Domínio Público (www.dominiopublico.gov.br) oferece gratuitamente mais de 75 mil títulos, entre eles clássicos de Machado de Assis e William Shakespeare (em português). Apenas dele já foram baixadas mais de 8,5 milhões de obras. Dante Alighieri, com a Divina Comédia, é o campeão, com mais de 500 mil downloads.

E há sites que disponibilizam gratuitamente – e na maioria das vezes sem autorização – obras escritas recentemente. Entre eles, o Viciados em Livros (<http://www.viciadosemlivros.com.br>), que recebe cerca de 80 mil visitas por mês, e o Projeto Democratização da Leitura (www.portaldetonando.com.br).

Lancelot, codinome de um dos fundadores do Viciados em Livros, diz que os livros disponíveis no site são destinados a leitores com baixo poder aquisitivo ou pessoas com deficiência visual, que só conseguem ler livros no computador ou com a ajuda de softwares específicos. “Também oferecemos livros esgotados e obras que não foram traduzidas”, disse.

Autopirataria

Enquanto a maioria dos autores critica esse tipo de iniciativa, o mais bem-sucedido entre eles, ao menos em termos de vendagem, vai na direção oposta. Paulo Coelho criou o Pirate Coelho (www.piratecoelho.wordpress.com), onde disponibiliza arquivos piratas, inclusive traduções de seus best-sellers globais. “Ali coloco todas as traduções de livros meus que encontro na web, facilitando o trabalho de pirateá-los”, explica.

Coelho acredita que a rede “é livre e anárquica” e diz ser inútil lutar contra ela. Segundo o autor, a disponibilização gratuita de livros na web não prejudica a venda: “Pelo contrário, é uma forma de divulgar o trabalho.” Para ele, as pessoas podem gostar e, então, decidirem comprar o original na livraria mais próxima.

Mas sua opinião não encontra eco entre a maioria dos autores e editores ouvidos pelo Link. Fernando Morais, por exemplo, que acaba de lançar justamente uma biografia sobre Coelho, a quem classifica de “cibernético”, afirmou: “Eu sou mineiro, sou mais prudente. O Paulo é carioca, é mais atirado. Não faria isso que ele fez sem ter certeza de que não afetaria a venda dos meus livros.”

“O que faz o Paulo Coelho é uma boa idéia, se você for o Paulo Coelho”, disse Luis Fernando Veríssimo.

Para o diretor-geral da editora Planeta, César González de Kehrig, o negócio editorial “vai existir sempre e vamos nos adaptar. O fim do livro de papel seria ruim para as gráficas, não para as editoras”. “Nossa função independe do suporte”, diz o presidente da editora Record, Sérgio Machado. Será?

Voltar



Outras formas de escrever, outras formas de ler



Maria Alice Vila Fabião

Bem sei que é lei da vida comerem-se os figos / e ninguém se lembrar de quem plantou a figueira. / Não importa, este é o meu ofício, elegi-o livremente / e, histórias à parte, eu, com os livros, tenho prazer / em pensá-los, em fazê-los, em lê-los, / apaixonando-me / pelo que sonham as suas palavras. [...]

Jesus Munárriz*, in: *Otros lábios me sueñan*, 1992. Trad: MAVF

Entre a pedra abrasada pelo sol e o rumor líquido do mar, vou flanando, e comigo o pensamento errático, por entre os pavilhões, brancos como versos sem rima, de mais uma feira do livro. Desta vez da Póvoa de Varzim.

Como em todas as feiras do livro, tarde após tarde, uma multidão de iniciados faz e refaz percursos, repete os passos em sentidos vários, reproduz em cada gesto os gestos dos demais. Os olhos varrem, como o vento, as bancas dos livros expostos, de entre os quais singularizam um – pela capa, pelo título, pelo autor... –, e logo as mãos se estendem para ele, o sopesam, o acariciam, com ele estabelecem a insubstituível relação táctil, que se prolonga no folhear, na leitura breve de uma que outra frase, ou na leitura saboreada de um fragmento mais vasto de texto. Em último lugar, a angustiada consulta da etiqueta do preço, que tantas vezes condiciona o prazer da aquisição ou a frustração do abandono. Quantos livros de tese, quantos romances ou livros de poesia, de arte, etc, tivemos de abandonar, além disso, por falta de espaço nas estantes? Schopenhauer dizia que “seria bom comprar livros se, com eles, pudéssemos comprar tempo para os ler”. E porque ele se refere ao livro tradicional, livro-objecto, eu acrescentaria: “e espaço para os guardar”.

Vivemos na era das tecnologias digitais, da eletrônica, da Internet. Dentro em breve, será tão natural para qualquer cidadão utilizar a Internet “como para os Holandeses viajar de avião”. Será que o livro de papel ainda terá futuro, nesta nova era? Não podemos esquecer que, como suporte de ideias, de emoções e meio de comunicação, também o livro de papel é produto de progressos tecnológicos, que nem sempre foram bem aceites. ** Parafraseando Robert Chartier, temos de reconhecer que os autores escrevem textos, não escrevem os livros, e que, por mais que nos custe, como leitores do livro tradicional, tem razão Joaquín Aguirre, quando diz que “a literatura é a arte da palavra, não do papel”.

Fim de feira. Um último olhar às bancas dos livros. Até quando, as feiras do livro, com pavilhões brancos como versos sem rima e livros com as cores do arco-íris?

Terminou há poucos dias, na Internet, a Feira Mundial do Livro Eletrônico. Sem cheiro de mar, mas sem mordedura do vento, o visitante pôde, com um simples “clique” sobre um título, download (“descarregar”, ou seja, “importar” através do seu computador) os textos de 330 mil obras, sem preocupação com o preço ou a ausência de espaço nas prateleiras das estantes. Não creio, porém, que, como vaticinam os profetas da desgraça, as novas tecnologias signifiquem o desaparecimento do livro tradicional, substituído pelo e-book (livro eletrônico). A



publicação eletrônica (e-publication) implica sempre a leitura através de um monitor ou a sua posterior impressão em montanhas de folhas A4, além da ausência do prazer tátil do contacto com o objeto de prazer que é o livro.

As novas tecnologias permitem, sim, novas formas de escrever, novas formas de ler, por vezes fantasiosas, como no caso do hipertexto, em que qualquer texto deixa de ser sequencial, de ter princípio, meio e fim fixos, se (des)organiza multiplicando os links, encruzilhadas por que o leitor pode enveredar a seu bel-prazer, contribuindo para a elaboração de um texto, que, ao contrário do livro clássico, deixará de ser apenas do autor para passar a ser também “seu”, ou do mais popular blog (abreviatura de Web Log, sítio na Web), espécie de diário do coração, aberto ao público, que nele pode colaborar.

Vantagem das novas formas de escrever e de ler é o enriquecimento inegável do nosso léxico nacional com termos ingleses, de compreensão universal, e, sobretudo, a nossa língua deixar de ser um português universalmente ignorado, para se tornar um portinglês apenas ignorado por alguns, a quem, para estar in, cabe atualizar-se, familiarizando-se com pings, links, posts, tags, blocks e mais um milhão de termos imprescindíveis na era da e-language.

- (1940-) Poeta, germanista, tradutor e editor espanhol .

** Vide: Da Argila ao Ciberespaço – o Livro. TL, Julho 2000

Voltar



Sentado à sala de espera do aeroporto, você decide ler um livro. Abre a pasta, procura, e prontamente retira o celular para iniciar a leitura. Celular? Isso mesmo. O e-book – ou eletrônico book, livro eletrônico – é um tipo de mídia que comporta toda a informação presente em um livro comum, porém em formato digital.

Ele pode ser visualizado através de aparelhos, como computadores, celulares, palm tops (computadores de mão), mp3 e mp4 players, e ainda em um equipamento bastante específico, o e-book reader.

Mas, ao contrário de algumas das tecnologias que permitem sua leitura, o surgimento do próprio e-book não é tão recente: data de 1971, quando a Declaração de Independência dos Estados Unidos foi digitalizada, dando início ao Projeto Gutenberg, conhecido como a mais antiga biblioteca virtual do mundo. Atualmente, a organização voluntária disponibiliza cerca de 20 mil textos gratuitos e 100 mil livros, em diversos idiomas, sendo 206 obras em Português. Uma curiosidade: além do inglês, a única língua em que o site está disponível é o português, em que o termo e-book é traduzido como livro-e.

Além do Projeto Gutenberg, existem muitos portais brasileiros que disponibilizam livros para *download*. Um exemplo é o site Domínio Público, do Governo Federal, cujo acervo é composto apenas por obras gratuitas, que tenham licença do autor ou que já sejam parte do domínio



público. Além de livros, é possível ter acesso a outros conteúdos, como hinos cantados em sua versão oficial e fotografias.

Democratização da leitura

Propostas como essas caracterizam o *e-book* como uma ferramenta para a democratização da leitura. Um livro disponível na Internet pode ser acessado por muito mais pessoas de todo o país e até mesmo do mundo, ao passo que uma versão impressa tem acesso mais limitado. É o que explica Denise Tsunoda, coordenadora do curso de Gestão da Informação da UFPR. “O *e-book* é uma maneira fácil de democratizar a leitura, pois a Internet tem um grande poder de disseminação de conteúdos”, diz. Assim, a expansão do livro eletrônico e o crescimento do número de exemplares disponíveis estão baseados, em boa parte, na iniciativa voluntária de pessoas que digitalizam materiais, cedem direitos autorais ou traduzem obras e também no ‘troca-troca’ de arquivos promovido por blogs e fóruns de discussão online.

Um exemplo dessa rápida divulgação de informação são os trabalhos acadêmicos, como teses e dissertações, que têm suas versões digitais cada vez mais comuns. Para Denise, a digitalização desse material deveria se tornar até mesmo obrigatória. “É excelente! A utilização da tecnologia do *e-book* dessa forma promove a troca de conhecimentos, é uma boa forma de aproveitarmos o potencial da Internet para algo positivo”, opina. Mas ela aponta também uma face negativa dessa acessibilidade quando lembra a grande quantidade de material de baixa qualidade circulando.

Por outro lado, a tecnologia pode ainda ser usada como via de divulgação para novos autores (à maneira como os arquivos em formato mp3 funcionam para novos músicos e bandas), e ainda como fonte de renda – alguns livros são produzidos apenas em sua versão eletrônica, para fins comerciais; outros ganham uma versão digital como alternativa para o comprador.

Cultura barata, no bom sentido

Mesmo quem não quer desembolsar um único centavo pode encontrar uma grande variedade de materiais disponíveis, desde literatura clássica a histórias em quadrinhos, passando por livros didáticos e técnicos, teses, dissertações, enciclopédias, jornais, revistas, documentos históricos e até mesmo a Bíblia. Jaime Mendonça, editor do portal Virtual Books, aponta os livros direcionados ao público infanto-juvenil como uma área que tem crescido muito.

Para ler os arquivos é necessário ter um programa capaz de processá-los – e eles existem em diversos formatos. O mais popular é o PDF, que pode ser acessado a partir de softwares como o Adobe Reader, da Adobe, e o Foxit PDF Reader, da Foxit Software. A boa notícia é que grande parte desses programas pode ser obtida gratuitamente.

Quanto ao equipamento para leitura, é possível aproveitar as mídias que também têm outras finalidades, como o computador e o celular. Há, também, quem prefira imprimir o conteúdo digital e utilizar o bom e velho papel. Por mais que cause certo estranhamento, a prática pode ser vantajosa: segundo o site ABCcommerce, um *e-book* pode custar até 50% menos que sua versão impressa.



Preto no branco x pixels

Grande parte das pessoas ainda prefere a paupabilidade do papel. Foi o que constatou Gabriela Bruno, dona da comunidade Índice Geral – E-books no site de relacionamentos Orkut, ao fazer uma enquete junto aos participantes da mesma. Além desta descoberta, Gabriela verificou que a maioria dos leitores 'está presa' ao computador, o que vai de encontro à observação de Jaime Mendonça. "Estamos presos ao mundo físico. A próxima geração será mais adepta ao mundo virtual", prevê. Não é à toa que 47% dos acessos registrados em seu site sejam feitos por pessoas com menos de 20 anos de idade.

Ambos são usuários de mídias variadas para leitura de e-books. "Eu costumo ler no celular. Pra mim é mais prático, leio em qualquer lugar", afirma Gabriela. "Faço leitura no PC (computador), no *e-book reader*, no *palm top*. Procuo experimentar todo tipo de tecnologia", explica Mendonça.

Contudo, eles parecem ser exceção, especialmente no que diz respeito ao uso do *e-book reader*, um aparelho específico para leitura de livros eletrônicos que custa em média R\$ 800. Quatro lojas de equipamentos de informática de Curitiba foram consultadas pela redação; nenhuma delas possuía o aparelho para venda, e três dos atendentes sequer o conheciam. Para Rodolfo Oliveira, vendedor, as lojas não o solicitam porque ele simplesmente não é procurado. "O *reader* é interessante, mas pode ser substituído por outras tecnologias mais versáteis, como os *palm tops*. Ele é bastante específico, é só para quem gosta muito".

Felipe Martinez, estudante do curso de Publicidade e usuário do *e-book reader*, concorda. "Acho o *reader* prático, tem uns atalhos que ajudam, mas é quase igual a ler no *palm*", compara.

Para Gabriela Bruno, a baixa popularidade de mídias alternativas para ler *e-books* pode contribuir para que eles também permaneçam relativamente desconhecidos. "As pessoas acham que só podem ler na tela do PC, o que é um tanto cansativo, e por isso desistem dos *e-books*", diz. Para Jaime Mendonça, contudo, alguns avanços vêm ocorrendo. "Problemas como danos à visão causados pela exposição prolongada à luminosidade poderão ser contornados num futuro próximo", afirma.

Portais para download de e-books

Projeto Gutenberg

Domínio Público

Voltar ao topo